



A preferência dos ouvintes da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro: uma disputa de sentidos entre o erudito e o popular¹

Michele Cruz Vieira²
Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir os novos sentidos cotidianos criados pelo rádio. A partir da análise das cartas dos ouvintes da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em fins dos anos de 1920, identificaremos a criação de percepções e sensibilidades relativas à novidade que era a prática de ouvir rádio. Os usos do veículo como tecnologia criaram uma comunidade de ouvintes diferenciada, com gostos diversos, e que manifestaram suas preferências em relação à programação, criando uma disputa pela apropriação do conteúdo da emissora. As cartas dos ouvintes analisadas mostram que a manifestação dos gostos pelo popular ou pelo erudito transformaram-se em representações coletivas, que percebiam o rádio como espaço de representatividade e de legitimidade. O som amplificado, irradiado pela tecnologia do rádio, passa a ser o mediador das relações de proximidade entre o público e o veículo.

PALAVRAS-CHAVE: História do rádio no Brasil; Rádio Sociedade do Rio de Janeiro; Tecnologias; Música popular e erudita.

No final dos anos 1920, os novos sons propagados pelo rádio pareciam estar totalmente adaptados ao movimento cotidiano dos indivíduos, fosse daqueles que possuíam um aparelho de galena, caseiro, ou dos que optaram pela fabricação ou compra dos rádios com suportes materiais mais sofisticados³. Em 1926, Roquete-Pinto estimava que já existissem 30 mil aparelhos em todo o país. (FEDERICO, 1982) E uma análise ainda que superficial dos pedidos de licença para aquisição de receptores mostra o crescimento progressivo e ininterrupto durante toda a década de 1920. Segundo o Relatório Ministerial de Viação de Obras Públicas,⁴ em 1923 o governo contabilizou 536 pedidos de licença. Até dezembro de 1924, o relatório mostra que tinham sido

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora do X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e Professora do curso de Comunicação Social da Universidade Gama Filho, email: vieiramichele@hotmail.com.

³ Durante a década de 1920 Edgar Roquette-Pinto, juntamente com um grupo de intelectuais letrados, iniciou um movimento de popularização da tecnologia do rádio para todos os cidadãos. Segundo sua ótica, o rádio como tecnologia deveria ser um elemento da cultura popular. O rádio poderia ser fabricado em casa, sendo acessível à população mais pobre, ser montado com peças importadas ou ser comprado pronto. Isso demonstra uma multiplicidade da materialidade do rádio, o que facilitou o surgimento de públicos diferenciados.

⁴ Disponível no site do *Center For Research Libraries* (<http://www.crl.edu/brazil>). Universidade de Chicago.



concedidas 2.469 licenças e, em 1925, somaram-se mais 1.070 solicitações, totalizando, no fim de 1925, 3.539 aparelhos. Já no ano de 1926 somaram-se mais 426 licenças.

Esses números não espelham, entretanto, a real quantidade de receptores existentes, já que muitos não cumpriam a determinação do pagamento das taxas de licenciamento: o Relatório do Ministério de Viação e Obras Públicas, de 1925, indica que “é enorme, portanto, o número dos que se furtaram ao pagamento, não obstante a modicidade da taxa”.⁵ O registro de cada aparelho custava 5 mil réis.

Federico (*ibid.*, p. 47) analisa que a burocratização no licenciamento dos aparelhos foi mais uma tentativa de elitização da radiodifusão no país que não se cumpriu. Mesmo com formulários, requerimentos para preencher e taxas para pagar, o rádio se proliferou à revelia dos requisitos formais. Em 19/1/1927, segundo o jornal carioca *O Sport*,⁶ havia 40 mil aparelhos receptores de rádio só no Rio de Janeiro, alcançando 100 mil pessoas. O título da matéria “A radiotelephonia e o proveitoso incremento entre o povo” demonstra que já em fins de 1920 o rádio havia cumprido sua promessa de desenvolvimento e consolidação.

O contato dos indivíduos com a tecnologia criou um público para o veículo antes de sua consolidação como meio de comunicação de massa, a partir da década de 1930. Os indivíduos, ao manipularem a tecnologia do rádio, criaram aos poucos percepções e sensibilidades relativas à novidade que era a prática de ouvir rádio. No uso normal da tecnologia, diz McLuhan (2003), o homem é perpetuamente modificado por ela, mas também encontra novos meios de modificá-la. Os indivíduos se ampliam e se prolongam nos novos meios, transformando o corpo social. No caso do rádio, essa tendência transformadora se torna ainda mais clara em virtude das possibilidades tecnológicas de disseminação do som para uma grande quantidade de pessoas. McLuhan acrescenta que o rádio tem uma tendência natural de se ligar intimamente com os diferentes grupos de uma mesma comunidade.

Assim ocorreu com a trajetória do veículo no Brasil. Os usos do rádio como tecnologia criaram uma comunidade de ouvintes diferenciada, com gostos diversos e que iniciaram, pouco a pouco, um movimento no sentido de manifestar suas preferências em relação à programação.

⁵Relatório de 1925 do Ministério de Viação e Obras públicas. Disponível no site do Center For Research Libraries (<http://www.crl.edu/brazil>). Universidade de Chicago.

⁶ Disponível em www.fiocruz.br/radiosociedade



Em 22 de abril de 1929, o ouvinte J. Dias enviou uma carta aos diretores da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro com o intuito de defender a irradiação de músicas populares na emissora, mais especificamente de músicas ligeiras na hora do almoço para “não comprometer a digestão da feijoada”. J. Dias refere-se aos destinatários com uma linguagem coloquial. O ouvinte mostra-se também otimista em relação à relevância do rádio para o país.

[...] Louvavel portanto tao importante empreendimento, e muitos são os meus desejos para que não esmoreça nunca a vontade férrea dos Srs. Directores, prossequindo sempre e sempre com a mesma tenacidade, para melhorar o quanto possivel o movimento de Radio em nosso Paiz, merecedor de todas as grandes conquistas mundiaes. *Assim, portanto, me permitto dar uma opinião sobre a organização dos programmas com que nos delicias.* No programma de 12 horas, (hora do almoço), é bastante variado o mesmo, sendo ouvir-se: tangos, Fox, operas, clássicos regionaes, etc, etc... *Imagem os Srs. Directores o prazer que pode sentir uma pessoa que na hora de seu almoço (cito a mim mesmo), em que, como um bom brasileiro, se delicia com uma boa feijoada completa... Ha de convir que a illustre Directoria, que a feijoada, sendo um prato de difficil digestão, muito mais se difficultara com as pesadas irradiações...* Em summa, acho, que [...] VV.SS. deveriam organizar programmas especiaes de musicas ligeiras, quando não fossem puramente nacionaes... (Documento Ref. A03-1812. Disponível em WWW.fiocruz.br/radiosociedade, original sem grifos)

O trecho menciona ainda a variedade da programação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Agora, a parte musical não se limita mais à irradiação de músicas eruditas e internacionais, como nos primeiros anos de sua existência. Percebemos, aqui, também, além da clara preferência pelo ritmo popular, a naturalidade e a espontaneidade com que o ouvinte se dirige aos diretores da emissora.

A incorporação do rádio ao cotidiano do público torna-se clara quando o ouvinte diz escutar a programação na hora do almoço. O meio de comunicação, nesse sentido, torna-se parte de uma reinvenção de uma prática corriqueira, o ato de almoçar, e desempenha papel importante nas sensações desse ouvinte. Afinal, as músicas leves e populares poderiam ajudar na digestão da feijoada.

Para Calabre (2002), a relação de proximidade do rádio com o público veio da mudança de linguagem do veículo na virada da década de 1930, quando se dirige aos indivíduos como amigos ouvintes, deixando de lado o tratamento de senhores ouvintes, dado aos radioamadores no seu período experimental na década de 1920. A mudança



sinalizou para a democratização do tom das transmissões e para uma intimidade com o público. “O novo meio de comunicação revolucionou a relação cotidiana do indivíduo com a notícia, imprimindo uma nova velocidade e significação dos acontecimentos”. Segundo ela, “ao partilharem das mesmas fontes de notícia, os indivíduos se sentiam mais integrados, possuíam um repertório de questões comuns a serem discutidas”. (*Id. ibid.*, p. 9)

Já em 1925, outro ouvinte da Rádio Sociedade, intitulado “Um assignante”, demonstra também uma sensação de proximidade com a emissora, ao solicitar a música cantada ao invés da instrumental.

Venho, mui respeitoso como assignante, dessa tão proveitosa Sociedade, pedir a V.S., *que se digne mandar por no programma das erradicações, maior numero de canto, pois muita musica torna-se cacete*. Esperando ser attendido neste justo pedido, muito vos agradeço e *deicho de assignar para não maguar os componentes da orchestra dessa tão educada sociedade* [...]. N.B. são opiniões diversas a esse respeito. (Documento Ref. A03-0289. Disponível em www.fiocruz.br/radiosociedade, original sem grifos)

Ao dizer que espera ser atendido em seu pedido de mudança na programação, o ouvinte deposita confiança na emissora e nas suas respostas ao público. Quando prefere não assinar a carta para não magoar os membros da orquestra, deixa transparecer uma relação emocional, sentimental, com aqueles que trabalham na Rádio Sociedade, afinal, as orquestras eram, durante os anos 1920 e até o final dos anos 1940, o principal corpo de profissionais das emissoras. Cada uma delas tinha uma orquestra própria, que foram fundamentais para o formato que assumiu a programação já na década de 1930. A manutenção do corpo de músicos se constituía, mesmo nos anos 1920, numa das principais despesas da Rádio Sociedade. Em sua “Demonstração Geral de Receita e Despesa”⁷ contabilizada de junho de 1923 a dezembro de 1925, gastou mais com orquestra e maestro (58.900\$000) do que com energia elétrica (11.307\$308) e benfeitorias (20.840\$680). No que diz respeito aos gastos com a programação, também o que pagou aos músicos e maestro era superior aos custos de produção de muitos programas, como o Jornal do Meio Dia (950\$000) e o Jornal da Noite (525\$000).

O som amplificado, irradiado pela tecnologia do rádio, passa a ser o mediador das relações de proximidade entre o público e o rádio. De acordo com Schafer (2001),

⁷Acervo de Edgard Roquette-Pinto, disponível na Academia Brasileira de Letras.



onde quer que o ruído seja imune à intervenção humana, ali se encontrará um centro de poder. A expansão do ruído pelo ar, com o rádio, representa o poder do som, que cria amplo perfil acústico. “Por exemplo, um homem com um alto-falante é mais imperialista que outro que não o possui, porque pode dominar o espaço acústico. (*Id.*, *ibid.*, p. 115) O rádio amplia o excesso de som e “a comunidade, que antes havia sido definida pelos sinos e gongos do templo, era-o agora pelo seu transmissor local” (*op. cit.*, p. 136). O rádio, acrescenta Schafer, encerra o indivíduo com o que lhe é familiar.

O rádio, na verdade, tornou-se a canção dos pássaros da vida moderna, a paisagem sonora ‘natural’, excluindo as forças inimigas de fora. Para servir a essa função, o som já não precisa ser apresentado elaboradamente, do mesmo modo que um papel de parede não precisa ser pintado por Michelangelo para embelezar a sala decorativa. (*Op. cit.*, p. 138).

As relações íntimas, portanto, que começavam a despontar entre o público e o rádio, podem estar relacionadas com o poder de comunicação que o locutor ganha ao ter a seu favor a tecnologia que amplia o som, expandindo-o, além de transformar a linguagem em coloquial, no intuito de se aproximar dos ouvintes, que apresentavam perfis diversos. No caso da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, esta mudança pôde ser percebida no gênero de programação, especialmente nas músicas, que se tornavam cada vez mais populares a pedido do público.

Em 15 de abril de 1934, Roquette-Pinto recebeu mais uma carta de um ouvinte descontente com as músicas de gênero erudito e, também num tom coloquial, expõe sua opinião sobre como deveria ser a programação.

Caro Roquete,

Como radio ouvinte é que escrevo esta. Soube por terceiros que és o organizador e principal impulsionador dessa entidade empiricamente chamada Radio Difusão. *Não é justo tendo adquirido um rádio para recrear-me, seja prejudicado por deixar de ouvir programas de musica popular, como Cazé, Horas do outro mundo, etc. que são os que agradam a 90% da população deste Brasil, que já tentaste desbravar com a Comissão Rondon, e que agora procuras empanturrar com teu classicismo estrangeiro.*

Talvês por passares grande parte de tempo no Museu, ainda não tivesses ocasião para prestar atenção á belêsa sentimental do nosso samba canção. Parece que já ouço tua resposta. Será uma bela tirada á moda da “Academia”.



Mas...Não adianta! Eu não compreenderia. Esse modo tão difícil de falar!!! *Só quem lucra com esses programas são milhares de... rádios que têm um enorme tempo de descanso, por serem desligados por seus donos.*

Desiste de clássico para o povo...

Daqui a 50 anos... talvez um neto teu possa ser aplaudido, por organizar programas como esses! Mas, poremqunto, NÓS ainda somos muito atrasados, e, eu, que estou na massa do povo, dou, mesmo sem conhecer-te, parodiando uma letra de samba, este conselho:

“DESISTE DISSO, MEU NÊGO”.

Joel de Castro

(Documento Ref. A3-2682. Disponível em www.fiocruz.br/radiosociedade, original sem grifos)

O ouvinte, na carta, além de expor sua preferência musical, sente-se autorizado a representar a vontade da coletividade de ouvintes, ao afirmar a certeza de que a maioria prefere ouvir música popular. Além de sentir-se à vontade para expor sua autoridade, como representante do desejo popular, Joel de Castro ainda afirma a identidade da massa, ao escrever em caixa alta e sublinhada a palavra “nós”.

A carta explicita ainda o sentido do rádio no cotidiano do ouvinte, que é o de entretenimento, quando ele reclama que comprou o aparelho para recrear-se. O ouvinte aqui nega claramente as premissas do grupo de intelectuais que tentou se apropriar do rádio para fins educativos. Joel de Castro deixa transparecer seu descontentamento com a linguagem da academia, a qual ele afirma não compreender por ser difícil e por acreditar que a intelectualidade, por não viver no meio do povo, não entende a sua vontade.

Quando o ouvinte afirma que Roquette-Pinto não teve tempo para compreender a beleza do samba-canção por estar confinado no museu, longe da realidade do povo comum, deixa transparecer sua crença em um abismo cultural entre a cultura erudita e o gosto popular. Essa premissa fica clara também quando reclama que Roquette-Pinto quer empanturrar o rádio com um classicismo estrangeiro, o qual seria responsável por manter os aparelhos desligados.

No início da carta, ao apresentar-se, Joel de Castro diz que soube, por intermédio de outras pessoas, a respeito da responsabilidade de Roquette-Pinto na organização da programação. Aqui o ouvinte afirma a distância entre ele e o diretor da emissora e mesmo assim seu discurso apresenta um tom de intimidade e de naturalidade ao expor suas opiniões não só sobre a programação, como também sobre a postura dos intelectuais da academia. Barbosa (2010), quando analisa peculiaridades dos leitores da



imprensa escrita no Brasil, ressalta que o “boca a boca” é uma forma de apropriação da mensagem que pode ser responsável pela produção de inúmeras leituras.

As notícias, passado um século do momento em que se implantou a impressão no país, continuam “correndo léguas” e “andando de boca em boca”. Por “ouvir dizer” realiza-se ainda leituras plurais. Por ouvir o texto que outro lia em voz alta, esse leitor, esfumado na poeira do tempo, continua sendo leitor de segunda natureza.” A leitura passa a ser prática cotidiana, ainda que os modos de sua realização sejam múltiplos e as formas de interpretação ainda mais plurais. (*Id., ibid.*, p.200)

Barbosa ressalta que os modos de realização da leitura sempre foram múltiplos. No caso do rádio, as formas de ouvi-lo eram também plurais, ou seja, os ouvintes apropriavam-se das mensagens de diferentes formas, de acordo com seus gostos, como evidenciam os relatos.

Na carta de Joel de Castro, a associação entre a música e a classe social fica evidente, quando ele, em tom de aviso a Roquette-Pinto, diz que 90% do povo brasileiro prefere a música popular, ressaltando ainda que o gosto erudito está restrito a uma minoria.

Mas a Rádio Sociedade também recebeu cartas de ouvintes descontentes com a inclusão de músicas populares na programação. Há, portanto, uma clara disputa pela apropriação do conteúdo da emissora.

As lutas simbólicas, para Bourdieu (1990), nascem da percepção do mundo social e adquirem sempre múltiplas formas. As disputas podem representar ações de indivíduos ou de uma coletividade com o intuito de fazer valerem determinadas realidades. Podem acontecer também quando indivíduos ou grupos tentam modificar as categorias de percepção e apropriação do mundo social e suas estruturas cognitivas e de avaliação. No caso dos ouvintes da Rádio Sociedade, que se dividiam entre os que apoiavam a música popular e os que eram a favor da programação estritamente erudita, ambos tentavam impor suas preferências e também persuadir Roquette-Pinto a respeito de suas avaliações sobre a programação.

Em 15 de fevereiro de 1935, um “ex-ouvinte” diz sentir-se revoltado e farto da presença de músicas populares na programação.



Senhor Director da Radio Sociedade

Estou farto, fartíssimo, enojado, revoltado, com ancias de vomito de tanto ouvir o *lixo-sonoro* que a mulatada dos morros inventou para o martirio dos ouvidos educados. Só se ouve sambas, maxixes e musicas carnavalescas! Que horror! Chego a ter medo de ligar o radio, pois é quasi certo ouvir essas porcarias Audi-vomitivas. (Documento Ref. A03-3016. Disponível em www.fiocruz.br/radiosociedade, original sem grifo)

O “ex-ouvinte” associa a música popular a uma cultura não-educada, quando afirma que seus ouvidos “educados” não estão preparados para ouvir o que considera um “lixo sonoro”. Além disso, relaciona a produção cultural com a raça, ao se utilizar do termo pejorativo “mulatada”, a qual segundo ele é responsável pela invenção do tipo de música que considera um martírio. A educação legitimada, para ele, está relacionada às produções de uma alta cultura. A intelectualidade letrada, que se apropriou dos destinos do rádio no Brasil, também relacionava a educação dos brasileiros ao contato com a produção da chamada alta cultura. Mas quando expõe as sensações de enjôo, ânsias de vômito e de esgotamento causadas pelas músicas populares, podemos pensar também que o ouvinte descreve um poder que o rádio vai adquirindo ao fazer aflorar os sentidos, as emoções, ou seja, o lado imaginário se materializando em sintomas físicos.

Em 24 de fevereiro de 1932, uma carta sem assinatura revela a Roquette-Pinto que preferia a Rádio Sociedade na época em que ela tocava boas músicas clássicas.

Illmo. Sr. Director

... A Rádio Sociedade que primava por ter um programma de musicas clássicas bem organizado, ultimamente tem feito, justamente o contrario. De 17 horas as 18 é uma cousa horrivel. So se ouve Fox, valsas vagabundas em disco Odeon. Dia 7, domingo de carnaval, por ex. em vez de se ouvir musicas próprias e bonitas relativas ao dia, tocaram e por duas vezes um tal disco Odeon “Cigana” cantado por V. Celestino... Esse speaker... faz um programma que vale mais a pena a pessoa dormir do que ouvir-o. Além de gaguejar muito, creio que não tem gosto nenhum pela musica... (Documento Ref. A03-2230. Disponível em www.fiocruz.br/radiosociedade)

Nesta carta o ouvinte ressalta a mudança do perfil de programação da Rádio Sociedade, que antes era, segundo a sua opinião, primorosa por contar com músicas clássicas e agora se tornava de mau gosto por conter ritmos populares, especialmente, o disco com o selo Odeon⁸ “Cigana”, de Vicente Celestino.

⁸ Nome do primeiro selo de discos da Casa Edison, primeira gravadora criada no país.



A transformação do conteúdo da programação pode ser melhor visualizada no quadro a seguir, no qual ficam claras as diferenças entre as músicas tocadas na emissora em 1924, um ano após o início de suas operações, e em 1929, período em que a emissora já possuía nova organização, não só em relação ao que transmitia mas também quanto à divisão das irradiações por horários fixos, indicando a hora em que cada atração seria transmitida. Há também uma diferença relativa à variedade da programação: em 1929 percebe-se um aumento em número de horas na programação.

Quadro 1: Programação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro

7 de julho de 1924 (Fonte: Coletânea de artigos da revista Radio, abril-outubro de 1924)	7 de janeiro de 1929 (Fonte: Jornal O Globo, 7/1/1929, p. 8)
<i>Abrico Boito, Prologo de Mephistopheles, Sr. João Athos</i>	17hs- Hora certa. Jornal da Tarde. Suplemento musical
<i>Wagner, Thanhauser, Prière, Professora Marieta Bezerra</i>	18hs– Informações commerciaes, especialmente para o interior do pais
<i>Listz, Réve d’amour, Piano, D. Aracy Wernerck de Andrade, 1 prêmio do Instituto Nacional de Música</i>	18h50 minutos – transmissão em radiotelegrafia de programma a ser executado amanhã, no Studio da Radio Sociedade do Rio de Janeiro
<i>André Messager, Fortunio, Chanson, Sr. Chermont de Britto</i>	19hs – Hora certa, Jornal da Noite, supllemento musical. Discos das casas Paul Christoph, Ligneul Santos & Cia Guitarra, Prata Salgado e Morize, Casa Vieira Machado, Casa das Victrolas e Discos e A. Columbia.
<i>Paul Vidal, Printemps Nouveau, Professora Heloisa Bloem</i>	20h e 30 minutos – programma especial de discos Brunswick, Discos distribuidores: Assumpção & Cia – Av. Rio Branco, 147
<i>Gounoud, Chant d’autoune, Sr. João Athos</i>	21 horas – Radio-jornal do governo do Estado do Rio (Serviço de informações officiaes)
Ephemerides Brasileiras do Barão de Rio Branco	21 horas e 15 minutos – Ephemerides brasileiras do Barão de Rio Branco. Notas e sciencia, arte e literatura. Lição de Francez, pela senhorita Maria Velloso. Programma de música regional no Studio da Radio Sociedade, com o concurso do grupo “Os Fulanos”, composto dos srs. Augusto Calheiros, Leopoldo de Magalhães (Mané pequeno), Ernesto dos Santos (Ponga), Nelson Alves (Nelson Cavaquinho), Antonio Passos e Arthur do Nascimento.
<i>A.Costa, Canto da Saudade, Senhorita Vera Carvalho Lima</i>	Parte I – Maria Helena – choro de Donga; II – Fado da barca – De Donga, cantado por Augusto Calheiros; III – Maria de Lurdes – Chôro de Candinho; IV – Anedotas caipiras nortistas, por Mané Pequeno; V - Sombra do Passado – Canção de Donga, cantada por Augusto Calheiros



<i>Listz, Ah quand jê dors</i> , professora Marietta Bezerra	Parte 2 – VI – Vaidosa, choro de Passos; VII – As flores juram – Canção de Donga, cantada por Augusto Calheiros; VIII – Dulce, choro de Candinho; IX – Miolo de Baiana, samba de Donga cantado por Augusto Calheiros; X – Anedotas caipiras nortistas por Mané Pequeno; XI – Naninha – choro de Passo ^{as} ; XII – Samba de amor, de Donga, cantado por Augusto Calheiros e XIII - [...] da bahianinha – choro
<i>Leopoldo Miguez. Nocturno</i> , Piano, D. Aracy Werneck de Andrade	
<i>Mascagni, Serenata da Iris</i> , Sr. Chermont de Britto	
<i>Clutsam, Berceuse</i> , Professora Heloísa Bloem	
<i>Barroso Netto, valsa, Capricho</i> , Piano, D. Aracy Werneck de Andrade	
<i>Verdi, Aida</i> , Dueto Final, professora Marietta Bezerra	

Fontes: Revista *Radio*, disponível no acervo da Rádio MEC e Jornal O Globo, disponível no acervo do jornal O Globo.

A programação do ano de 1924, divulgada pela revista *Radio*, é quase toda composta pela irradiação de músicas eruditas de compositores clássicos internacionais. A exceção eram Alberto Costa (A. Costa), Leopoldo Miguez e Barroso Netto, todos compositores brasileiros, com formação erudita, e que compunham principalmente para ópera ou piano. As Ephemérides Brasileiras do Barão de Rio Branco eram histórias cotidianas brasileiras, de autoria do Barão de Rio Branco, e que foram compiladas pela primeira vez em livro em 1893. Percebe-se também que a programação menciona, por último, nomes de professoras e de senhores, os quais a revista não deixa claro se executariam as obras musicais ou se eram ouvintes que emprestavam seus discos para a emissora tocar, o que era comum na época. É mais provável, no entanto, que fossem músicos, já que a emissora priorizava as atrações ao vivo. Nota-se, portanto, que esta programação segue fielmente os princípios educativo-culturais que pretendiam transformar o rádio em um meio de vulgarização da cultura letrada.

Em 1930, outro tipo de conteúdo foi introduzido na programação, como o noticiário, tendo como destaque um programa exclusivo do governo. Além disso, a Rádio Sociedade reservou horários para a irradiação de discos de gravadoras e de casas de venda de discos.

A partir das 21 horas e 15 minutos, percebe-se a mescla entre a programação erudita e a popular, com ênfase maior neste último gênero. Notas sobre ciência, arte e literatura, além de lições de francês, dividem o horário com o programa de música



regional conduzido pelo grupo “Os fulanos”, composto pelos maiores sambistas e chorões da época: Mané Pequeno, Donga e Nelson Cavaquinho. A emissora dedicava também espaço para as “anedotas caipiras nortistas”, confirmando a abertura para o entretenimento.

Neste mesmo ano, 1930, em seu relatório de atividades, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro assume a mudança em relação à programação e deixa transparecer que isso aconteceu pela dificuldade encontrada na manutenção da veiculação exclusiva da programação erudita. Assume também que, na verdade, a emissora foi fundada para veicular o que o povo precisava (referindo-se à cultura letrada), no entanto, sentiu-se obrigada a realizar o sacrifício de abrir suas portas para as produções populares, com a intenção de se manter em atividade. Defende-se das acusações dos ouvintes de que a música popular corrompe o gosto do público ao dizer que a emissora “faz o que pode” e ainda veicula, apesar das críticas dos ouvintes descontentes, uma programação de cunho erudito.

Infelizmente a regra tem sido, por parte de alguns, criticar em vez de auxiliar. É certo que nós não fundamos a Rádio Sociedade para irradiar só o que o público deseja. Nós a fundamos para transmitir principalmente aquilo de que o nosso povo precisa: trechos de ciência, literatura ou arte. Mas, as dificuldades sempre foram muitas e grandes na manutenção integral e absoluta do nosso programma.

E a transigência a que nos obrigaram, afinal, não importou de facto no sacrifício de nossos propósitos.

Basta recordar que ainda no corrente anno transmittimos regularmente os concertos de musica de Camera do Trio Brasileiro, transmittimos todas as conferencias do Instituto Franco Brasileiro de Alta Cultura, sem falar nas lições de outros notáveis mestres e nos concertos dirigidos pela figura sem par de Francisco Braga.

Não falta quem condemne a irradiação de musicas populares, a pretexto que elas corrompem o gosto do publico...

Os que fazem justiça a Radio Sociedade reconhecem que Ella realiza integralmente o que pode. Si não nos faltarem alguns elementos que, esperamos, nos venham auxiliar neste anno próximo, teremos occasião de iniciar o radio-theatro... (Documento Ref. A12-0001. Disponível em www.fiocruz.br/radiosociedade, original sem grifos)

Segundo Travassos (1999), as barreiras entre o erudito e o popular estavam sendo sacudidas pela transformação dos bens culturais em mercadorias produzidas em larga escala e por uma nova postura dos artistas e pensadores relacionados ao que até então era entendido como cultura. Mas é somente nos anos 1940, segundo Ortiz (1988), que se pode considerar a consolidação da cultura de massas no país.



Transformações como o crescimento da industrialização e da urbanização, a expansão das classes operárias e das classes médias, o aumento populacional, que segundo Ortiz, inicia-se no início do século XX, representam características do mundo moderno determinantes na definição de novos parâmetros culturais. E o meio radiofônico será o ambiente propício para o desenvolvimento da cultura popular de massa, a qual será beneficiada, segundo o autor, pela impossibilidade de crescimento econômico em outros setores fora do âmbito cultural. A indústria cultural no Brasil mostra a interpenetração da esfera de bens eruditos e a dos bens de massa, relação que vai reorientar os padrões de orientação cultural, que, até então, restringiam-se a preferências de uma burguesia que valorizava as obras de arte, a literatura e a música clássica. Nesse sentido, a legitimidade do gosto estava restrita a um grupo que se autorizava a impor os valores simbólicos dos bens culturais e, com isso, o consumo cultural definia os critérios de distinção social.

Mas, no fim dos anos 1920, empresários atuaram ativamente tanto no campo da cultura artística quanto na área da cultura voltada para o consumo em massa, ou seja, a cultura de mercado. Este movimento, para Ortiz (1988, p. 72), permitiu o trânsito entre o “erudito” e os meios de massa, sendo que para esse último foi transferido um capital simbólico que aderiu à cultura popular de massa.

Sobre a relação entre o erudito e o popular, Chartier (2009) indica que a cultura popular vem sendo pensada ao longo do tempo tanto como autônoma, fechada em si mesma, quanto como uma instância distante da legitimidade cultural. No entanto, Chartier defende a idéia de que, em cada época histórica, podem ser tecidas relações complexas entre formas impostas e identidades salvaguardadas. A força dos modelos culturais dominantes, dessa forma, não anula as características peculiares dos espaços de recepção. Ou seja, “sempre existe uma brecha entre a norma e o vivido, o dogma e a crença, a norma e a conduta”. (*Id., ibid.*, p. 46) Isso quer dizer que existem possibilidades de haver reformulações, desvios, resistências, fruto de apropriações diferenciadas de sentidos por parte dos indivíduos, os quais estando inseridos numa cultura, negociam com as representações e tradições que circulam socialmente. Dessa forma, Chartier propõe que é inútil pretender identificar a cultura popular a partir de práticas que sejam específicas delas, pois todo grupo cultural sempre consegue preservar aspectos de sua coerência simbólica.

Com base nessas reflexões e na análise das fontes, percebe-se que o projeto educativo-cultural de Roquette-Pinto ruiu também em virtude de pressões dos grupos



populares que iniciaram uma disputa pela apropriação dos conteúdos do rádio. Respaladas por uma indústria cultural em formação, as produções da cultura popular sedimentaram-se no âmbito da radiodifusão e passaram a ditar, cada vez mais, as regras das emissoras a partir da década de 1930.

As cartas dos ouvintes analisadas mostram que a manifestação dos gostos pelo popular ou pelo erudito transformaram-se em representações coletivas sob a forma de esquemas de classificação e juízo, com o objetivo de manter a estabilidade social desses grupos, que percebiam o rádio como espaço de representatividade e de legitimidade.

Para Bourdieu (1987, p. 149) “o gosto, enquanto classificação, está sempre objetivamente referido, através dos condicionamentos sociais que o produziram, a uma condição social”. É dessa forma que, ao mesmo tempo em que se autotransformam, os agentes também se expõem à classificação que escolheram. Ao realizarem escolhas, no espaço dos bens e serviços disponíveis, os indivíduos ocupam uma posição análoga às que ocupam no espaço social, acrescenta. As percepções dos objetos no mundo social adquirem formas diversas, pois contém uma parcela de indeterminação e fluidez.

A legitimação da ordem social não é simplesmente produto de uma imposição simbólica, pois os agentes se apropriam das estruturas objetivas do mundo a partir de suas percepções e apreciações particulares. Nesse sentido, podemos refletir sobre os elementos que levaram o rádio a se tornar predominantemente popular e não a seguir o projeto inicial da intelectualidade letrada. Vimos, pelas cartas dos ouvintes, que cada grupo se posiciona relacionando a classe social que ocupa com a preferência no consumo dos bens culturais, que, no caso, é a música popular ou erudita. Além disso, expõem em seus discursos uma autoridade, quando se colocam como conselheiros de Roquette-Pinto, em relação à forma que ele deveria conduzir o rádio no país. Isso mostra que, pelo menos em parte, houve certa transferência de autoridade. Os intelectuais letrados, que inicialmente se auto-elegeram aptos a transmitir o que era bom para a maioria, dividiam, a partir do fim da década de 1920, os espaços do rádio com a vontade popular, que acabou predominando.

Como a própria emissora explicita em seu relatório de atividades de 1930, a transigência com a programação mais popular foi fruto da pressão dos ouvintes, que obrigava a rádio “a realizar tal sacrifício”, não previsto nas premissas iniciais de sua fundação.

A disputa entre os ouvintes iniciou-se no período em que o rádio ainda tentava encontrar uma linguagem própria e tornar-se conhecido da maioria da população. Os



usos do meio como tecnologia, durante toda a década de 1920, foi fator essencial para a formação de um público generalizado, o que transferia para o rádio o trabalho de encontrar uma estratégia que lhe permitisse dialogar com os diferentes perfis de ouvintes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil. 1800-1900**. Rio de Janeiro, Mauad X, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo, Perspectiva, 1987.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo, Brasiliense, 1990.

CALABRE, Lia. **A era do rádio**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2002.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2009.

FEDERICO, Maria Elvira Bonavita. **História da Comunicação: rádio e tv no Brasil**. Petrópolis, Vozes, 1982.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo, Cultrix, 2003.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo, Brasiliense, 1988.

SCHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo**. São Paulo, Editora UNESP, 2001.

TRAVASSOS, Elizabeth. **Modernismo e música popular brasileira**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1999.

FONTES CONSULTADAS:

- Coletânea de artigos da revista *Radio* dos números 13 ao 24, ano de 1924. Disponível no acervo da Rádio MEC.

- Exemplares números 1 e 2 da Revista *Radio*, 15/10/1923 e 1/11/1923. Disponíveis na Biblioteca Nacional.

- Decreto 16.657, de novembro de 1924. Actos do Poder Executivo, Vol. 3, p. 356, disponível no Ministério da Fazenda.

- Documentário - British Broadcasting Corporation. *O Rádio no Brasil*. Londres: Serviço Brasileiro da BBC, 1998, 1º programa da série.



- Documentos da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro digitalizados pelo projeto Memória da Rádio Sociedade, disponíveis em WWW.fiocruz.br/radiosociedade
- Documentos do acervo de Edgard Roquette-Pinto da Academia Brasileira de Letras
- Depoimento de Edgard Roquette-Pinto, disponível em WWW.radiomec.com.br
- Gazeta de Notícias, coluna *Radiophonia*, ano de 1923. Disponível na Biblioteca Nacional e alguns números digitalizados no site www.fiocruz.br/radiosociedade
- Jornal O Globo, coluna “O Globo na T.S.F.”, de 1925 a 1930. Disponível no acervo do jornal O Globo.
- Relatórios anuais do Ministério da Viação e Obras Públicas de 1924. Disponível no site *Center for Research Libraries/ Latin American Microfilm Project Brazilian Government Document Digitization Project* (<http://brazil.crl.edu/>).
- Revista *Electron*, Disponível em WWW.fiocruz.br/radiosociedade